

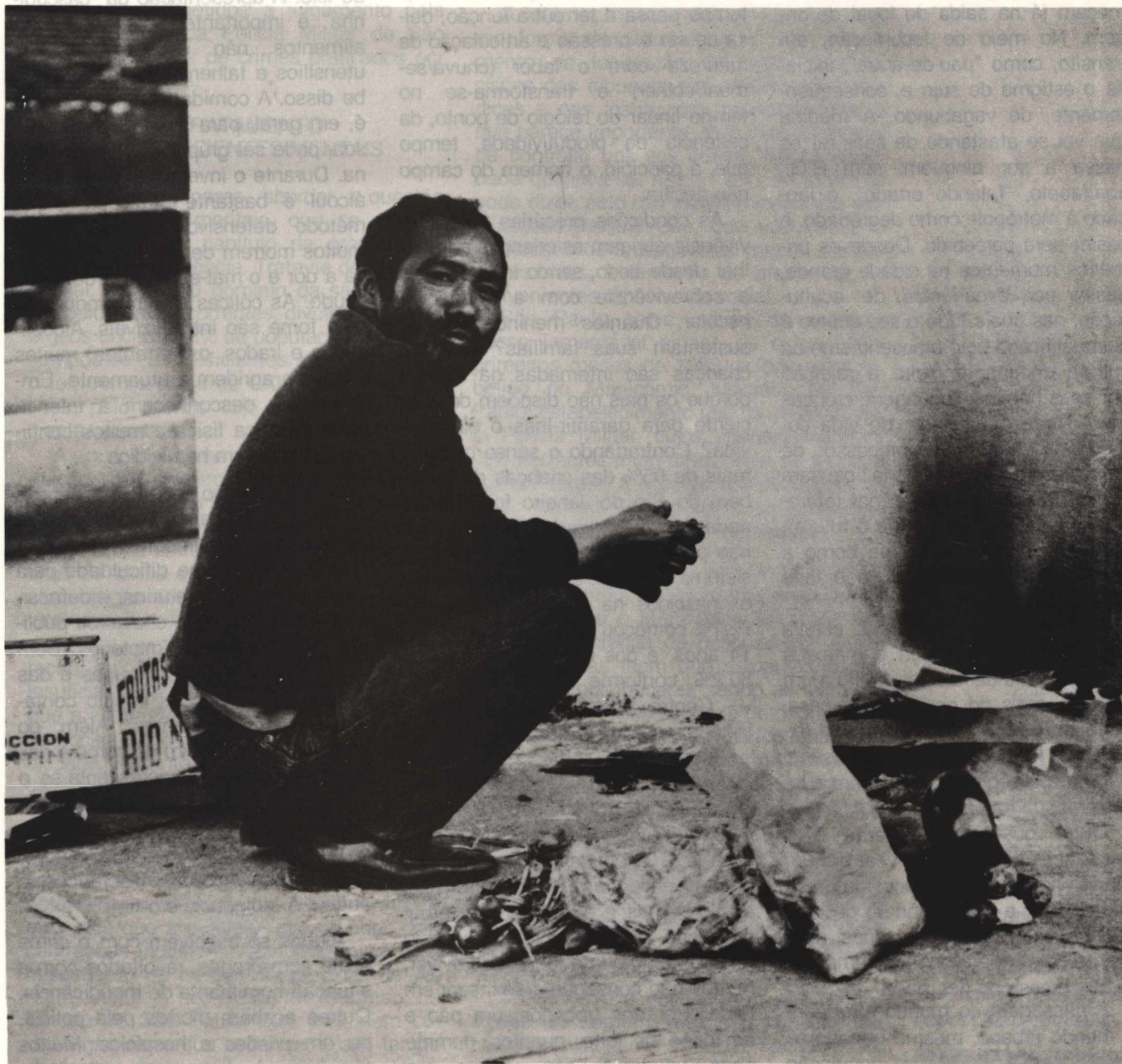
Gente

“sem eira nem beira”

Agostinho Duarte de Oliveira *

Cenise Monte Vicente **

Foto: Alderon Pereira da Costa



Existem muitos tipos de migrantes. Não nos deteremos nos bem sucedidos; pelo contrário, nossa atenção recairá sobre os marginalizados, os excluídos, os "desclassificados"; numa palavra, aquela gente "sem eira nem beira". Caracteriza-se a migração, para a maior parte do povo brasileiro, por seu caráter involuntário. Para uma parcela, porém, do grande contingente que é forçado a sair de sua terra, aqueles que pela frente terão como destino certo a sargeta, migrar é, antes de tudo, exílio, desterro; é a condenação ao desenraizamento máximo.

A penalização e a violência comecem já na saída do local de origem. No meio de locomoção, em trânsito, como "pau-de-arara", inicia-se o estigma de sujo e, conseqüentemente, de vagabundo. À medida que vai se afastando de suas raízes passa a ser ninguém: sem R.G., analfabeto, "falando errado", é lançado à metrópole como degredado, e assim será percebido. Desde os primeiros momentos na cidade grande, passa por experiência de aculturação, nas quais todo o seu acervo é desqualificado pelo etnocentrismo da cultura dominante; sofre a rejeição por seus hábitos, linguagem, crenças etc... Tanto a ausência de vida comunitária quanto o processo de apacramento da memória causam danos sérios. Hannah Arendt refere-se em "Entre o passado e o futuro", à privatização de memória como a "perda da dimensão de profundidade na existência humana".

A chegada ao local onde estava depositada a esperança é marcada pela violência de não ter direito a um lugar. É mais do que não ter casa, trabalho: é a vivência de ser um excedente. Nesta condição de miséria, a fome e a segregação passam a integrar a sua rotina de vida.

Outra questão importante é o analfabetismo. Como se virar em um mundo no qual a possibilidade de se situar, de ir e vir dependem de indicações escritas? As pessoas raramente param para orientar o migrante, por pressa ou por medo.

A passagem do mundo rural para o mundo urbano, mesmo quando se trata daquela parcela da população

que consegue inserir-se no mercado formal de trabalho, implica sérias violentações. A fragmentação do trabalho, por exemplo, é uma delas. A existência de especializações simplificam todo o processo de produção, a ponto de tornar fácil a substituição de um trabalhador por outro, ou por uma máquina, o que é totalmente distinto do trabalho no campo ou do trabalho artesanal. Descobre-se que entre o peão e o mestre de obras existem inúmeras diversificações, todas empobrecedoras, pois transformam o trabalho em experiência repetitiva. A criatividade passa a ser inconveniente e "improdutiva". O tempo passa a ter outra função, deixa de ser expressão e articulação da natureza com o labor (chuva/semeiar/colher) e transforma-se no tempo linear do relógio de ponto, da cadência da produtividade, tempo que, a princípio, o homem do campo não decifra.

As condições precárias de sobrevivência obrigam as crianças a trabalhar desde cedo, sendo incompatível a sobrevivência com a freqüência escolar. Quantos meninos de rua sustentam suas famílias? Quantas crianças são internadas na Febem porque os pais não dispõem do suficiente para garantir-lhes o direito à vida? Contrariando o senso comum, mais de 95% das crianças da Funabem do Rio de Janeiro foram internadas por dificuldades financeiras e não por delinqüência; dos presos do sistema penitenciário paulista, entre os nascidos na Grande São Paulo, 72,1% começou a trabalhar entre 5 e 14 anos, e dos nascidos no interior, 80,2%, conforme dados do Cebrap — Centro Brasileiro de Análise e Planejamento.

COMO SÃO PAULO RECEBE O MIGRANTE?

Cetrem, Delegacia de Polícia, rua. Esta é a acolhida que muitos migrantes encontram. Nas instituições, as agressões e a sujeira são tamanhas que a maioria prefere ficar ao relento. E na luta para sobreviver, muitos não conseguem se inserir em nada. Por uns trocados, um pão e um copo de leite, quantos, durante anos, venderam seu sangue aos

Bancos de Sangue, sem controle! Seus destinos: a morte na rua, a contenção em instituições totais (hospícios, hospitais, presídios, asilos, orfanatos) ou a perambulação pelas ruas e/ou pelas estradas. Nesta situação de miséria absoluta, esta nossa gente discriminada passa a integrar definitivamente o grande contingente dos "sem eira nem beira" de que estamos falando.

Na rua, vive com uma latinha, denominada "cascuda" ou "cascudinha". Neste recipiente armazena restos de comida, dados ou encontrados em restos de feira ou nos sacos de lixo. A apresentação da "cascudinha" é importante, pois quem doa alimentos não quer sujar seus utensílios e talheres, e o pedinte sabe disso. A comida recolhida na lata é, em geral, para mais de uma pessoa, pode ser grupal e até comunitária. Durante o inverno, a ingestão de álcool é bastante praticada, como método defensivo. Mesmo assim, muitos morrem de frio. A pinga aplaca a dor e o mal-estar, mas destrói a saúde. As cólicas e a ira produzidas pela fome são intraduzíveis. Alcoólizados e irados, os "errantes" muitas vezes se agredem mutuamente. Embriagados, desconhecem a intensidade da força física e muitos conflitos resultam em homicídios.

A desnutrição propicia doenças cárdio-respiratórias, principalmente tuberculose, pneumonia e taquicardias. Existe enorme dificuldade para tomar banho, até de urinar e defecar, pela inexistência de chuveiros públicos e escassez de mictórios. Sem higiene do corpo, das roupas e das cobertas, as doenças infecto contagiosas são freqüentes. Além do constante mau cheiro do corpo e das doenças biológicas, acrescenta-se o sofrimento psíquico: tensão, humilhação, incerteza, medo, insegurança, desânimo, saudades da família, desejo de vingança, descrédito no outro... A indigência é o fim.

Alguns se envolvem com o crime e até com drogas, revoltados com a situação humilhante de mendicância. Outros acabam mortos pela polícia, ou em prisões e hospícios. Muitos têm horror à morte em hospitais, du-

rante a noite ("eutanásia"?). Quando são assassinados, os inquiridos costumam ser arquivados. Quando vão para as instituições totais, passam a viver as violências típicas do mundo carcerário: fedor, promiscuidade, ociosidade forçada, restrição de espaço, de água, de sol, de alimento, de acesso à informação, de assistência jurídica, médica, pedagógica, terapêutica, social e religiosa. Enquanto interno, percorre uma carreira de mortificação do eu (Goffman, 1987) que inclui vasto sistema de penalização cotidiana, desde a privação de pequenos "privilégios" até sessões de tortura. Quando a contenção se realiza nas instituições psiquiátricas, sob a violência da repressão química, tem o corpo submetido a choques elétricos ou medicamentosos, é isolado em cela forte ou amarrado ao leito quando protesta. Na condição de paciente, vive um processo de silenciamento sistemático no qual a opressão é legitimada como técnica, em nome da ciência.

Quando o interno consegue sair das instituições totais, enfrenta o estigma da periculosidade. Enquanto egresso, revive, agora de modo intensificado, todo o processo de exclusão social. Muitos não conseguem sair e passam a vida migrando nas cadeias. Entre os que enlouquecem, alguns são remetidos para os sanatórios, depois para o Manicômio Judiciário, até morrer no Juqueri ou em algum hospital conveniado com o Estado (locais onde a miséria institucional é proporcional à ganância e aos lucros dos empresários da saúde).

É fundamental alertar para o fato de que esta nossa gente deseja viver, que suas trajetórias não são opção de vida, mas resultantes de

um mundo no qual predomina a injustiça. Mesmo os andarilhos que simulam diferentes personagens — policial, rei africano, médico etc. — expressam nestes atos "malucos" o desejo de ter um papel no mundo.

Há muito trabalho a ser realizado na construção de uma sociedade igualitária. Acabar com a desigualdade entre o povo que consegue um lugar na sociedade e a parte deste povo que é destituída de cidadania, é tarefa para missionários, revolucionários.

* Monge-presbítero, membro da Pastoral Carcerária e Comissão Teotônio Vilela.

** Psicóloga, mestranda em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo e professora do Instituto Sedes Sapientiae.

Bibliografia

- (1) ARENT, H., *Entre o passado e o futuro*.
 (2) GOFFMAN, E., *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1987, 2ª

edição.

- (3) MARTINS, J. S., *Expropriação e violência* (a questão política no campo), Ed. Hucitec, SP, 1980.

